

## ACONTECE NO FIM-DE-SEMANA

NO RIO

## Exposição reacende a polêmica neoconcreta

LUIZ CARLOS MANSUR  
Da Sucursal do Rio

**RIO DE JANEIRO 1959/1960 - EXPERIÊNCIA NEOCONCRETA** - Exposição de 87 obras do movimento neoconcreto no Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro (av. Infante Dom Henrique, 85, região central). Trabalhos de Lygia Clark, Hélio Oiticica, Amílcar de Castro, Franz Weisman, Willys de Castro, Lygia Pape, Herculey Barsotti, Aluísio Carvão, Ferreira Gullar, Décio Vieira, Roberto Pontual, Reynaldo Jardim, Osmar Dillon, Cláudio Mello e Souza e Theon Spanudis. Inauguração hoje, às 18h30. Até o dia 9 de junho, de terça-feira a domingo, das 12h às 18h.

Mais de trinta anos após a cisão com o concretismo, o movimento neoconcreto volta a marcar posição. O Museu de Arte Moderna do Rio (MAM-RJ) inaugura hoje a exposição "Rio de Janeiro 1959/60 - Experiência Neoconcreta", com 87 obras e muita disposição para reacender um velho debate.

Serão expostos trabalhos de 15 artistas: Ferreira Gullar, Lygia Pape, Lygia Clark, Hélio Oiticica, Willys de Castro, Aluísio Carvão, Amílcar de Castro e Roberto Pontual, entre outros. Cinquenta obras são remanescentes das exposições de 1959 e 1960, que lançaram o movimento neoconcreto.

O neoconcretismo foi o resultado de uma polarização interna ao movimento concreto, que vinha desde meados dos anos 50. "Havia uma nítida divergência entre os grupos do Rio e de São Paulo", disse o poeta e crítico Ferreira Gullar, 60, que escreveu o manifesto neoconcreto, incluído na exposição [leia abaixo depoimentos mostrando que a polêmica continua].

Gullar lembrou que o ponto de ruptura era a ortodoxia do grupo paulista. "Eles viam a pintura como uma coisa meramente visual, rigorosamente geométrica. No Rio, também tínhamos esse ponto de vista, mas nossos trabalhos eram mais líricos".

"Na 1ª Exposição Nacional de Arte Concreta, em 1956, as divergências já eram claras", contou Gullar. "Expus um trecho de um poema, 'O Formigueiro', que era muito diferente das coisas do

grupo de São Paulo. Tanto que Décio Pignatari, numa coletiva, disse que o poema não era concreto. E tinha razão".

O manifesto neoconcreto propunha depurar a "exacerbação racionalista" do concretismo, mantendo o rigor formal, mas numa perspectiva que privilegiava a liberdade do artista. A interação de várias linguagens foi uma das marcas do movimento.

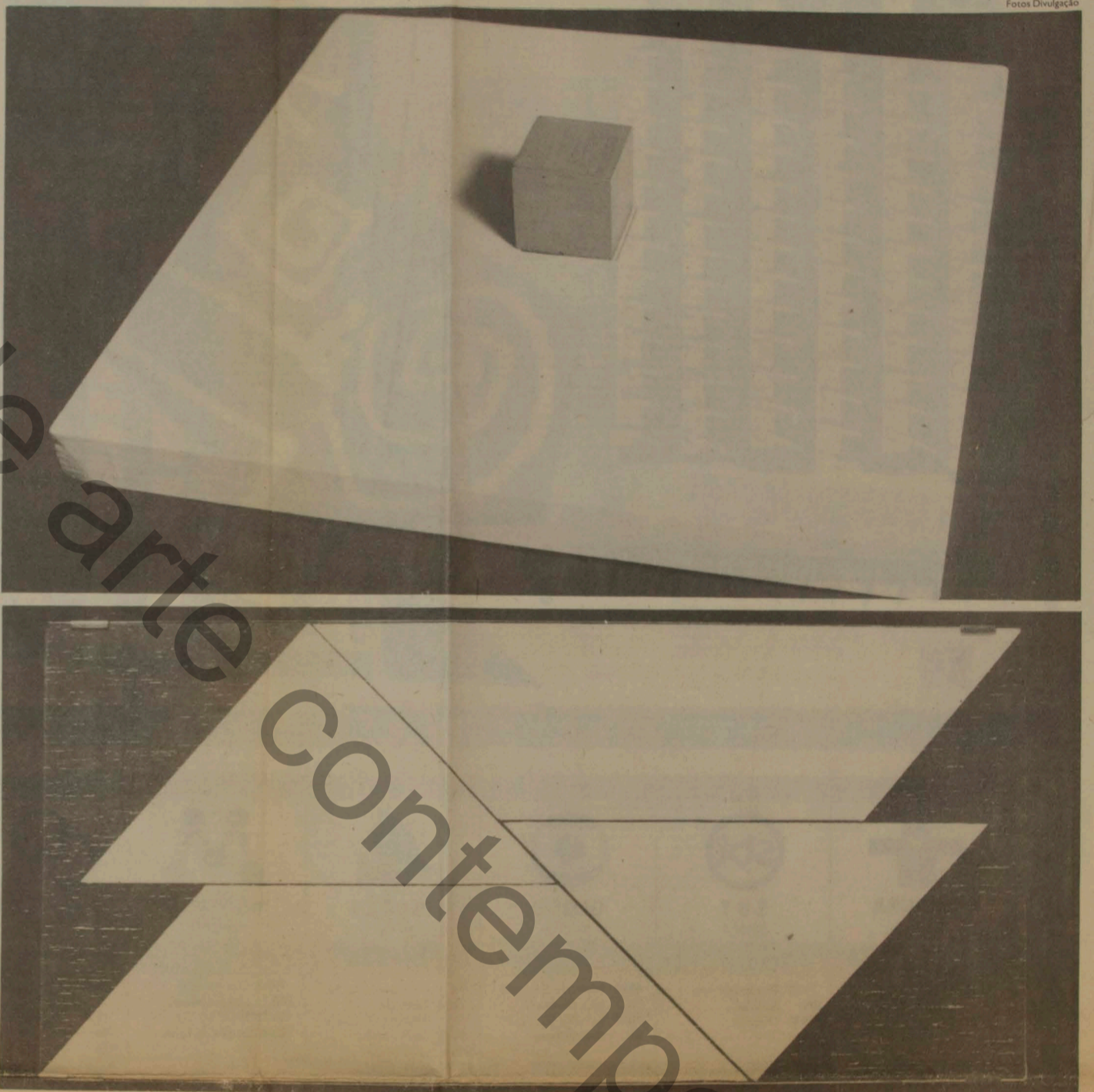
Isso está presente na exposição, em dois "poemas não-objetos" de Gullar, "Pássaro" e "Lembra", ou no "Livro da Criação" da escultora Lygia Pape, 53. Ela define este livro como uma "obra conceitual", explorando as potencialidades da pintura e da escultura.

A abertura e o experimentalismo fazem com que o ideário neoconcreto permaneça vivo nas artes plásticas. "Está presente no momento atual, que é muito rico, sem um único parâmetro, e não condiciona a liberdade de criação", disse o pintor Aluísio Carvão, 71.

Mas o neoconcretismo não foi tão influente na literatura. "A culpa é minha", disse Ferreira Gullar. "Não sou divulgador de nada. Muitos trabalhos da época permanecem inéditos, até pela dificuldade de reprodução. A ruptura com as formas usuais foi muito mais radical que na poesia concreta, por exemplo".

O curador da exposição, Fernando Cocchiarella, 41, atribui à "amnésia visual" brasileira a falta de conhecimento mais aprofundado do neoconcretismo. Gullar concorda. "Quando as pessoas tomam conhecimento desses trabalhos, percebem que muitas coisas posteriores tiveram sua origem ali".

Em junho, a exposição está programada para a Pinacoteca de São Paulo. Sua diretora, Maria Alice Milliet, ainda não confirmou a vinda da mostra carioca. "Estou atrás de patrocínio privado para pagar o seguro das obras estimado em Cr\$ 3 milhões".



"Lembra", trabalho em madeira pintada de Ferreira Gullar criado em 1960 (no alto) e "Tecelaris" (1957-58), xilogravura de Lygia Pape

## A POLÊMICA HOJE

## NEOCONCRETOS

**'Foi uma inovação teórica mundial'**

Da Sucursal do Rio

Ferreira Gullar, 60, poeta, crítico de artes plásticas e teórico do neoconcretismo: "O movimento neoconcreto talvez tenha sido o único que inovou teoricamente em termos mundiais, no Brasil. Houve uma troca de experiências entre artistas plásticos e poetas, como se fosse uma pessoa com muitas caras e mãos. A diferença em relação aos concretos é que, para nós, a teoria vem depois da prática. Nosso manifesto não era um programa para ser cumprido. Era uma constatação do que foi feito e uma abertura para o salto adiante".

**'A polarização já está resolvida'**

Da Sucursal do Rio

Lygia Pape, 53, artista plástica neoconcreta: "O neoconcreto foi um movimento extremamente importante, porque possibilitou uma série de invenções e novas linguagens. O movimento abriu uma série de quebras de categoria na arte brasileira, e gerou um impulso fortíssimo, tanto que a maioria de seus participantes continua na ativa até hoje. Quanto à polarização com os artistas concretos, para mim, pelo menos, já está resolvida há muito tempo. Mas, na época, nos anos 60, houve uma efervescência muito grande".

**'Mais valioso que a Semana de 22'**

Da Sucursal do Rio

Amílcar de Castro, 70, escultor neoconcreto: "O neoconcreto foi o movimento mais importante da arte brasileira. Trouxe uma consciência de nossa arte que foi muito mais valiosa e importante do que a Semana de Arte Moderna de 22, por exemplo. Fez uma seleção e marcou uma posição. O movimento neoconcreto defende a liberdade e a abertura, enquanto o concreto era uma coisa mais fechada. O movimento concreto é menor, porque morre na descoberta, enquanto o neoconcreto vai abrindo caminhos".

## CONCRETOS

**'Neoconcretismo é ciúme de carioca'**

Da Reportagem Local

Luiz Sacilotto, 67, artista concreto: "Embora os cariocas insistam, não existiram diferenças fundamentais nos conceitos. Na minha opinião, a essência é a mesma: o construtivismo. Temos todos uma alma concreta. O neoconcretismo não existe. É uma invenção carioca, apenas um ciúme carioca porque o movimento foi lançado em São Paulo. As lideranças propugnavam títulos diferentes para defender posições particulares. Não houve ruptura conceitual. Diferenças entre artistas é uma coisa normal dentro de um movimento".

**'Foi apenas uma briga entre poetas'**

Da Reportagem Local

Maurício Nogueira Lima, 61, artista concreto: "O neoconcretismo não realizou nenhuma ruptura. O concretismo não é uma escola. É uma consciência construtiva. A mudança de terminologia foi uma briga entre poetas. O que houve apenas é que os artistas cariocas saíram de um problema estrutural para um problema transcendental. Em 1964, estivemos reunidos numa outra visão do concretismo, a 'Arte Concreta Semântica', Lygia, Oiticica, Waldemar, Geraldo de Barros e eu. Depois, fizemos ainda a 'Nova Objetividade' juntos".

**'É como chutar cachorro morto'**

Da Reportagem Local

Geraldo de Barros, 67, artista concreto: "Com a distância temporal, eu salvaria hoje a obra de Lygia Clark e de Hélio Oiticica do conjunto da produção neoconcreta. Abomino as idéias teóricas de Ferreira Gullar. São papagaiadas. O neoconcretismo, para mim, não existe. Foi uma invenção. A verdadeira revolução foi feita pela arte concreta. Nesse sentido, a visão do Mário Pedrosa sobre a problemática construtiva era mais interessante. Mas acho também que levantar a questão nesse momento é dar pontapé em cachorro morto".